

BISSEXUALIDADE E ENTRE-LUGARES: disputas por visibilidade e pertencimento no Instagram¹

BISEXUALITY AND IN-BETWEEN SPACES: Disputes over Visibility and Belonging on Instagram

Clarissa Gandor Taborda²

Resumo: A bissexualidade tem sido atravessada por regimes de invisibilização que operam tanto em contextos heteronormativos quanto na comunidade LGBTI+³. Posicionada em entre-lugares diante de identidades monossexuais, a bissexualidade enfrenta disputas de reconhecimento e pertencimento. O artigo pergunta: como a bissexualidade, situada em entre-lugares, negocia reconhecimento e visibilidade nas dinâmicas do ativismo digital no Instagram? O objetivo é analisar como práticas comunicacionais produzem sentidos e visibilidade sobre identidade bissexual. A pesquisa, de caráter qualitativo, combinou observação de postagens no perfil do ativista bi Nick Nagari e entrevista semiestruturada com o mesmo. Com base nas noções de entre-lugar (BHABHA, 1998) e outsider within (COLLINGS, 1986), a análise indica que o Instagram pode emergir como um espaço para articulação e visibilidade da comunidade bissexual, porém em constante disputa e tensionamento em uma plataforma que opera a partir do poder hegemônico.

Palavras-Chave: Bissexualidade. Visibilidade. Entre-lugar.

Abstract: Bisexuality has been shaped by regimes of invisibilization that operate both in heteronormative contexts and within the LGBTI+ community. Positioned in in-between spaces in relation to monosexual identities, bisexuality faces disputes over recognition and belonging. This article asks: how does bisexuality, situated in in-between spaces, negotiate recognition and visibility within the dynamics of digital activism on Instagram? The objective is to analyze how communicational practices produce meaning and visibility regarding bisexual identity. The qualitative research combined observation of posts on the profile of bisexual activist Nick Nagari and a semi-structured interview with him. Drawing on the notions of in-between spaces (BHABHA, 1998) and outsider within (COLLINGS, 1986), the analysis indicates that Instagram may emerge as a space for articulation and visibility of the bisexual community, yet marked by constant dispute and tension within a platform structured by hegemonic power.

Keywords: Bissexuality. Visibility. In-between spaces.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gênero e Sexualidades. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Clarissa Gandor Taborda: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, doutoranda, cla_gt@hotmail.com.

³ A sigla LGBTI+ refere-se à comunidade de pessoas com sexualidades e identidades de gênero dissidentes. L= Lésbicas; G= Gays; B= Bissexuais; T= Transexuais, Transgêneros e Travestis e I= Intersexos. O sinal de “+” representa as demais letras referentes às diversas identidades que têm sido adicionadas à sigla, visando criar espaço a outros grupos não hegemônicos em termos de sexualidades e gêneros. Neste trabalho escolho esta apresentação da sigla dentre as inúmeras variações existentes devido à maior facilidade de compreensão e, também, por ser o termo utilizado pela ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos).

1. Introdução

A bissexualidade tem sido historicamente atravessada por regimes de invisibilização que operam tanto em contextos heteronormativos quanto no interior da própria comunidade LGBTI+. Esse regime de invisibilização é denominado por Yoshino (2000) como contrato epistêmico de apagamento da bissexualidade, entendido como uma espécie de pacto simbólico estabelecido entre grupos hetero e homossexuais para a manutenção da binariedade das sexualidades. Diferentemente de identidades estruturadas sob a lógica monossexual, sexualidades nas quais a atração afetivo-sexual ocorre por um único gênero (SALDANHA, MONACO e CRUZ, 2022), a bissexualidade é frequentemente interpretada como indecisão, fase transitória ou identidade instável. Tal enquadramento contribui para sua deslegitimação simbólica e para a produção de apagamentos que afetam o reconhecimento e o pertencimento de sujeitos bissexuais.

Esses processos podem ser compreendidos à luz de dinâmicas mais amplas de poder e normatividade. Como argumenta Butler (2022), os regimes de inteligibilidade delimitam quais identidades podem ser reconhecidas como legítimas, organizando fronteiras entre o que é considerado coerente e o que é colocado sob suspeita. Nesse sentido, a bissexualidade tensiona expectativas normativas que estruturam a sexualidade a partir da estabilidade e da fixidez do desejo. Ao escapar da lógica binária que opõe heterossexualidade e homossexualidade, ela ocupa uma posição instável no campo das sexualidades.

Compreendo a bissexualidade a partir da perspectiva de Klidzio (2023), que a caracteriza como uma identidade sexual política, definida pela atração afetiva e/ou sexual por mais de um gênero, independentemente do gênero, ou ainda pela possibilidade de atração por todos os gêneros. Essa definição orienta a compreensão da identidade bissexual ao longo deste artigo e dialoga com uma das principais reivindicações do ativismo bissexual: destacar seu caráter não binarista, que ultrapassa a lógica de desejo, afeto ou relações restritas ao binário homem/mulher. Apropriando-me das palavras da autora, complemento afirmando que “ao utilizar ‘identidade sexual’ é como sinônimo de orientação sexual, pois o que me interessa, de modo geral, é a orientação sexual bissexual reivindicada pública e socialmente enquanto existência política” (KLIDZIO, 2023, p. 27).

Para compreender essa posição da bissexualidade diante das identidades monossexuais, mobilizo a noção de entre-lugar, proposta por Bhabha (1998), entendida não como um simples espaço intermediário, mas como um campo de negociação, ambivalência e produção de

sentidos. Situada em entre-lugares diante de identidades monossexuais, a bissexualidade se constitui em meio a disputas que envolvem reconhecimento, legitimidade e visibilidade. De modo complementar, também mobilizo o conceito de *outsider within*⁴, formulado por Collins (1986), que permite compreender como determinados sujeitos podem ocupar posições simultaneamente internas e externas a comunidades de pertencimento, experimentando inclusão e marginalização de forma articulada. No caso da bissexualidade, essa condição evidencia que o pertencimento à comunidade LGBTI+ não elimina a experiência de apagamento.

A partir dessa demanda por espaços próprios de articulação da bissexualidade, situada em um entre-lugar identitário, as redes sociais digitais configuram-se como ambientes potenciais para a produção e circulação de narrativas de identidades dissidentes. De acordo com Lévy (2010), as comunidades virtuais aproximam indivíduos geograficamente distantes e tensionam os paradigmas tradicionais de formação da opinião pública, favorecendo debates mais distribuídos e participativos em contraste com a lógica das mídias de massa. Nesse cenário, as plataformas tornam-se arenas nas quais sujeitos disputam sentidos, constroem visibilidade e articulam comunidades.

Portanto, o ativismo nas mídias digitais pode, assim, impulsionar discussões descentralizadas e fomentar espaços de apoio entre pares (KLIDZIO; SIQUEIRA, 2021), considerando que “a ampliação do consumo de conteúdo e das redes de troca de experiências entre bissexuais, a partir do digital, tem se mostrado central para a sociabilidade e organização política desses sujeitos” (MONACO e KLIDZIO, 2022, p. 153). Nessa perspectiva, a ocupação desses ambientes por pessoas bissexuais adquire relevância política, na medida em que possibilita a produção e a visibilização pública dessa identidade.

As mídias, contudo, não operam como territórios neutros. A circulação de significados em plataformas como o Instagram é atravessada por interesses, disputas e condicionamentos técnicos. Como argumenta Grohmann (2019), trata-se de reconhecer que esses espaços estão longe de serem imparciais ou utópicos. Essa dinâmica pode ser compreendida a partir da “dialética da midiatização”, proposta por Jansson (2017), que evidencia a coexistência de lógicas distintas: de um lado, a financeirização e a circulação acelerada do capital; de outro, disputas vinculadas a marcadores como classe, gênero e raça, que tensionam e produzem

⁴ estrangeiro de dentro (tradução minha).

sentidos alternativos. O autor denomina esse movimento de contramidiatização e lutas por autonomia, enquanto Grohmann (2019) o descreve como lutas por circulação.

Dessa forma, as redes sociais digitais configuram-se como um campo heterogêneo de disputas pela gestão dos discursos e da (in)visibilidade social. As interações mediadas digitalmente tornam-se, portanto, espaços privilegiados para observar negociações em torno de reconhecimento, poder simbólico e circulação de sentidos, onde vozes podem ser amplificadas ou silenciadas.

Diante desse cenário, este artigo pergunta: “como a bissexualidade, situada em entre-lugares, negocia reconhecimento e visibilidade nas dinâmicas do ativismo digital no Instagram?” O objetivo geral deste artigo é analisar como práticas comunicacionais produzem sentidos e visibilidade sobre identidade bissexual, afirmam pertencimentos e tensionam apagamentos históricos.

Para chegar a resposta da questão norteadora e atingir o objetivo geral, foi analisado o perfil no Instagram do ativista bissexual Nick Nagari, utilizando a observação *online* de acordo com Johnson (2010) e também foi feito uma entrevista semi-estruturada com o ativista. Também pontuo que esta pesquisa é escrita em primeira pessoa do singular, assumindo a implicação da pesquisadora e ancorando-se na perspectiva dos saberes localizados (HARAWAY, 1988). As implicações epistemológicas e balizas teórico-metodológicas serão aprofundadas e detalhadas na próxima seção.

Portanto, nas próximas seções, o artigo apresenta o percurso metodológico, o aprofundamento teórico e a análise empírica, com o objetivo de examinar como a visibilidade bissexual é negociada nas dinâmicas comunicacionais do Instagram, a partir da observação do perfil do ativista bissexual Nick Nagari e da realização de entrevista semiestruturada com o próprio ativista.

2. Balizas Epistemológicas e Metodológicas

Posiciono este artigo escrito em primeira pessoa do singular pois como autora e sujeito bissexual, reconheço-me atravessada pelo fenômeno investigado. Enquanto usuária do Instagram, vivencio e consumo conteúdos de ativismo bissexual. Parto do entendimento de que a pesquisa científica não é neutra nem imparcial, sendo a noção de neutralidade parte de uma tradição androcêntrica da ciência (RODRIGUES, 2015). Conforme argumentam Selister-

Gomes *et al.* (2019), a ideia de uma ciência objetiva e desinteressada historicamente contribuiu para silenciar vozes dissidentes e naturalizar determinados sujeitos como universais do conhecimento, processo que pode ser estendido a outros grupos contra-hegemônicos, como as sexualidades dissidentes.

Nessa perspectiva, compreendo que todo conhecimento é situado, conforme propõe Haraway (1988), que defende uma objetividade forte ancorada na parcialidade assumida e na corporificação da experiência, em oposição a uma pretensa neutralidade descontextualizada. Assim, posiciono este artigo a partir dos saberes localizados (HARAWAY, 1988), assumindo minha implicação como pesquisadora e reconhecendo que a produção de conhecimento, especialmente nas ciências humanas e sociais, pode articular-se a experiências e engajamentos políticos sem perder rigor analítico (TABORDA, 2025). Nesse sentido, a escrita em primeira pessoa não representa abandono da cientificidade, mas explicitação das condições de produção do conhecimento, aproximando-se do que Segato (2006) denomina pesquisa por demanda e do que Klidzio (2023) identifica como movimento crescente de minorias que passam a investigar seus próprios contextos.

Nessa mesma direção, ao assumir a produção de conhecimento como situada, é necessário explicitar também a concepção de identidade e sexualidade que orienta esta pesquisa, bem como o diálogo com as chamadas epistemologias bissexuais.

Blank (2012) observa que a sexualidade nem sempre foi compreendida como identidade, mas como prática. Foi a partir de processos históricos de marginalização e disputa por reconhecimento que as sexualidades passaram a constituir categorias sociopolíticas. Como aponta Shaw (2022, p. 16), “assim que a sexualidade se tornou um elemento político acalorado da identidade, as pessoas passaram a ter necessidade de modos de definir esses novos rótulos sexuais”. Neste trabalho, abordo identidade a partir de uma perspectiva não essencialista, compreendendo-a como processo relacional e mutável de identificação e diferenciação (WOODWARD, 2014). As identidades não são fixas ou ontológicas, mas atravessadas por relações de poder e por condições sociais e materiais, sendo que “A identidade está vinculada *também* a condições *sociais e materiais*. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2014, p. 14, grifo da autora).

Assim, compreendo as identidades sexuais como categorias de mobilização política e de acolhimento entre sujeitos que compartilham experiências de opressão. Nesse sentido,

reivindicar a bissexualidade como identidade válida possui um potencial desestabilizador, pois, conforme Lewis,

[...] para fomentar a aceitação da bissexualidade, será necessário não somente desconstruir e subverter a matriz heteronormativa e seu sistema de heterossexualidade compulsória, mas a matriz homonormativa e o sistema de homossexualidade compulsória que funcionam como mecanismos de controle dentro dos grupos LGBT (LEWIS, 2012, p. 75).

Nos anos 1990, esse tensionamento deu origem ao que Lewis (2012) denomina “Epistemologias Bissexuais”, conjunto heterogêneo de proposições que buscavam pensar gênero e sexualidade a partir das bissexualidades. Ainda que existam divergências internas, especialmente quanto à consolidação de uma identidade bissexual como estratégia política, parto da compreensão de que, embora seja teoricamente relevante questionar classificações, no plano material as identidades operam como ferramentas de reconhecimento e mobilização. Como observa Kirsch (2000, p. 98, tradução minha), “não há um caminho mágico através do qual os conceitos mais abstratos magicamente provoquem a mobilização da sociedade”. Nesse sentido, sigo as perspectivas que reconhecem a importância da afirmação do rótulo bissexual, da criação de espaços de socialização e de ativismo e da construção de uma identidade coletiva como estratégia de legitimação (LEWIS, 2012), especialmente diante da necessidade de “espaços de apoio bissexuais” apontada por Eadie (1993).

A partir desses apontamentos, compreendo a relevância de analisar as articulações do ativismo bissexual no ambiente digital, uma vez que se trata de uma identidade frequentemente invalidada e invisibilizada. Nesse contexto, a internet configura-se como possibilidade de constituição de espaços de apoio bissexuais, nos quais sujeitos que se identificam como bis podem encontrar seus pares, aprofundar a compreensão sobre sua identidade e compartilhar experiências, conflitos e formas de acolhimento.

Para entender essa dinâmica essa investigação se configura como exploratória, que de acordo com Gil (2008), a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições, sendo adequada para temas pouco explorados, onde é difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008). A abordagem metodológica escolhida para esta investigação é a abordagem qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa se caracteriza por analisar as relações dinâmicas entre o mundo real e a subjetividade dos sujeitos, não podendo ser quantificado em números. Além da pesquisa bibliográfica utilizada para aprofundamento teórico, na análise

empírica foi utilizada a observação *online* (JOHNSON, 2010) para análise das postagens e entrevista semi-estruturada (MANZINI, 2004) com o dono do perfil selecionado.

O perfil selecionado para esta observação foi o do ativista denominado Nick Nagari (@nicknagari⁵), que no momento da finalização deste texto⁶ possui 54,5 mil seguidores. Nick é um ativista independente, palestrante, escritor e estudante de ciências sociais na UNICAMP. Nick é uma pessoa trans não binária⁷ que se identifica com os pronomes ele/dele. Nick integra a Frente Bissexual Brasileira⁸ e a Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM⁹) e criou conteúdo sobre bissexualidade na *internet* por cerca de dez anos. Ministra palestras e mini cursos educativos sobre bissexualidade e transgeneridade. Seus principais conteúdos sobre bissexualidade são vídeos curtos e séries de publicações que explicam questões pertinentes sobre a identidade bissexual, além de abordar preconceitos enfrentados pela comunidade bi.

Um fato relevante é que Nick encerrou sua criação ativa de conteúdo *online*. Ele comunicou que a produção de conteúdo não estava mais o sustentando financeiramente e que estava prejudicando sua saúde mental e que isso prejudicava a qualidade e profundidade do conteúdo que ele gostaria de gerar. Apesar disso, o ativista manteve o perfil ativo na plataforma para divulgar cursos que ministra sobre bissexualidade e não binariedade dentro do projeto BRAVA¹⁰. No vídeo de despedida, Nick também agradece seu público e diz que se manterá trabalhando com ativismo bissexual, e que o perfil continuará ativo para consulta no acervo do seu conteúdo. Mesmo após esse anúncio, optei por manter o perfil de Nick na análise devido à riqueza de seu conteúdo, à quantidade de seguidores e à compreensão de que a entrevista com o ativista pode oferecer reflexões valiosas. Considero que sua decisão de parar de criar conteúdo ativamente é um aspecto relevante a ser explorado e pode trazer novos desdobramentos e contribuições para as dinâmicas do ativismo digital (TABORDA, 2025).

⁵ Nick Nagari: <https://instagram.com/nicknagari> (Acesso em Fev. de 2026).

⁶ Fevereiro de 2026.

⁷ Pessoas que não se percebem como pertencentes a um gênero exclusivamente. Isso significa que sua identidade de gênero e expressão de gênero não são limitadas à binariedade do masculino e feminino.

⁸ <https://www.frentebissexualbrasileira.org/> (Acesso em Fev. de 2026).

⁹ <https://www.instagram.com/rebimbr/> (Acesso em Fev. de 2026).

¹⁰ Um espaço de troca e conexão através do compartilhamento de conhecimento, por meio de organização de minicursos independentes sobre temas que abordam diversidade <https://www.instagram.com/brav.a/> (Acesso em Fev. de 2026.)

Para a sistematização dos dados, estabeleci um recorte temporal específico para a observação das publicações de Nick no Instagram. Foram analisadas as postagens do segundo semestre de 2023, último ano completo em que o ativista produziu conteúdo com maior regularidade. O recorte contempla publicações realizadas em junho, mês do orgulho LGBTI+, em setembro, mês da visibilidade bissexual, e no período de encerramento do ano. A escolha desse intervalo justifica-se por abarcar momentos sazonais interessantes para as pautas relacionadas à diversidade sexual, permitindo observar possíveis variações discursivas e intensificações nas dinâmicas de visibilidade.

Juntamente à análise das publicações, foi realizada uma entrevista com roteiro semiestruturado com o ativista, que foi convidado a participar da pesquisa por meio do e-mail disponibilizado em sua *bio*¹¹ no Instagram. O convite foi prontamente aceito, e a entrevista foi realizada em fevereiro de 2025, por meio de videoconferência na plataforma Google Meet, com duração de uma hora e 26 minutos. A gravação foi feita com o consentimento de Nick e foi transcrita inicialmente pela ferramenta Tactiq¹², sendo posteriormente revisada e refinada manualmente por mim¹³.

A partir desses procedimentos, busquei articular o posicionamento epistemológico assumido com as escolhas metodológicas realizadas, compreendendo que a análise não se limita à descrição das publicações, mas envolve a interpretação das dinâmicas de visibilidade, disputa de sentidos e construção identitária no contexto da plataforma. Assim, o percurso metodológico adotado orienta a leitura crítica do material empírico e sustenta as reflexões desenvolvidas nas seções teóricas e analíticas a seguir.

3. Invisi(Bi)lidade e Entre-lugares

A disputa por visibilidade configura-se como resposta às dinâmicas de exclusão e marginalização produzidas por regimes de poder e saber (SANZ; PALATUCCI, 2024). Como destacam as autoras, a invisibilidade não corresponde a uma simples ausência de aparição, mas opera como mecanismo ativo de dominação, ao negar reconhecimento social e silenciar

¹¹ A *bio* de Instagram é uma área logo abaixo da foto de perfil, onde é possível compartilhar informações pessoais ou profissionais (Dinamize, 2021).

¹² <https://tactiq.io/>

¹³ Acessar o texto completo transcrito da entrevista aqui:

https://docs.google.com/document/d/1MLt19Fp4uo3AtBi_RT5J4tMaKQZfcviuYReIRguC110/edit?usp=sharing (Acesso em fev. de 2026).

narrativas de sujeitos e grupos subalternizados. Nesse sentido, Klidzio (2023, p. 21) observa que “a menção à ‘invisibilidade’ ou ‘visibilidade’ tem sido utilizada com frequência em títulos de trabalhos acadêmicos e também em perfis no Instagram sobre bissexualidade, sinalizando uma das principais ideias para tratar dessa sexualidade, identidade e comunidade”, evidenciando que a busca por reconhecimento constitui pauta central para a comunidade bissexual.

Esse processo de invisibilização relaciona-se à operação da norma, entendida como estrutura social que delimita o que é reconhecível e legítimo (BUTLER, 2022). Para a autora, as normas atuam como dispositivos regulatórios que produzem corpos e identidades considerados válidos, ao mesmo tempo em que excluem aqueles que escapam aos padrões estabelecidos. De modo convergente, Foucault (2020) compreende a norma como dispositivo de poder que regula condutas e subjetividades de maneira difusa, inscrita nos discursos e nas práticas cotidianas. Mais do que proibir, a norma produz saberes e organiza regimes de visibilidade, definindo o que pode ou não aparecer no espaço social.

Sanz e Palatucci (2024) assinalam que, desde a década de 1980, a invisibilidade tem operado como metonímia central para compreender as experiências de grupos socialmente marginalizados. O conceito ultrapassa a simples ausência de representação imagética e passa a designar efeitos concretos de omissões de direitos, lacunas legislativas, fragilidades de políticas públicas e privações materiais e simbólicas. O “não ver” expressa relações de poder que produzem zonas de obscuridade, desumanizando sujeitos cuja existência é questionada ou relegada à irrelevância por grupos hegemônicos.

A noção de hegemonia, em Gramsci (2022), refere-se à capacidade de grupos dominantes de instituir consensos culturais que naturalizam hierarquias e desigualdades. Tal dinâmica incide diretamente sobre os regimes de visibilidade, definindo quais narrativas ganham centralidade e quais permanecem à margem. Essas hierarquias não se restringem ao eixo dominante versus subalterno, podendo também se reproduzir no interior da própria comunidade LGBTI+. Determinados segmentos homossexuais, ainda que contra-hegemônicos em relação à norma heterossexual, podem contribuir para o apagamento da bissexualidade em dinâmicas internas de poder.

Contudo, Sanz e Palatucci (2024) também tensionam a ideia de visibilidade como horizonte exclusivamente emancipatório. Nas últimas décadas, ela deixou de ser uma demanda restrita a grupos historicamente silenciados e passou a assumir novos significados,

convertendo-se em valor amplamente disputado. Transformada em capital simbólico, a visibilidade é negociada por sujeitos e instituições e passa a funcionar como requisito de legitimidade e participação, tanto nas lutas sociais quanto nas dinâmicas mercadológicas. Nesse cenário, pode adquirir sentidos ambíguos e até contraditórios.

Assim, ao mobilizar esse conceito, busco “compreender a visibilidade como campo de inscrição social e disputa de sentido” (SANZ; PALATUCCI, 2024, p. 264). Mais do que quantificar ausências, interessa analisar quando a invisibilidade é tensionada, contestada ou, ao contrário, reiterada e intensificada nas dinâmicas comunicacionais observadas.

Nas ciências humanas e sociais, o conceito de invisibilidade social tem sido amplamente mobilizado para compreender experiências de inexistência simbólica nos planos coletivo, individual e moral. Trata-se de condição produzida por processos de alienação e ocultamento que afetam determinados grupos e realidades (SANZ; PALATUCCI, 2024). Nesse debate, Honneth (2001) insere a visibilidade no âmbito da luta por reconhecimento, entendida como força estruturante dos conflitos sociais. Para o autor, o reconhecimento constitui chave analítica para compreender o sofrimento decorrente de desigualdades materiais e simbólicas, revelando uma dimensão emancipatória inscrita nas dinâmicas sociais.

Sob essa perspectiva, a demanda por reconhecimento e visibilidade torna-se particularmente relevante para a comunidade bissexual, marcada por apagamentos históricos diante de sexualidades orientadas a um único gênero (YOSHINO, 2000). Honneth (2001, p. 112) exemplifica esse processo ao afirmar que “a história cultural oferece inúmeros exemplos nos quais o dominador expressa sua superioridade social aparentando não perceber aqueles que ele domina”. A invisibilidade, portanto, não decorre de mera ausência, mas de postura ativa de negligência ou desprezo social. Conforme interpretam Sanz e Palatucci (2024), trata-se de uma ausência performativa que ocorre no espaço público: o sujeito pode ser visível enquanto corpo identificável, mas permanece invisível enquanto existência reconhecida. A invisibilidade social assume, assim, caráter público, pois emerge da falha nas formas socialmente compartilhadas de identificação e validação.

Tais tensionamentos ajudam a compreender a necessidade de afirmação e reconhecimento da identidade bissexual, tanto no plano individual quanto no público. Devido a este pacto de invisibilização da bissexualidade, por vezes sujeitos cujas práticas e desejos se enquadram na bissexualidade podem não se perceber como parte de um grupo sócio político consolidado, nem desenvolver sentimento de pertencimento estável no interior da comunidade

LGBTI+. A construção de identidades, como observa Woodward (2014), é simultaneamente simbólica e social, e sua afirmação envolve disputas que produzem efeitos materiais concretos.

Assim, sujeitos bissexuais reivindicam visibilidade como forma de terem suas experiências afetivas e sexuais legitimadas, buscando assegurar direitos políticos e simbólicos no campo das sexualidades. Entretanto, a visibilidade não é, em si, necessariamente positiva, pois constitui condição tanto para o reconhecimento quanto para novas formas de invisibilização. Para que produza efeitos emancipatórios, precisa converter-se em reconhecimento; somente então deixa de ser mera exposição e passa a gerar legitimidade e pertencimento (SANZ; PALATUCCI, 2024).

Nessa perspectiva, a luta por visibilidade pode ser entendida, antes de tudo, como disputa pelo “direito plural e performativo de aparecer” (BUTLER, 2018, p. 7), isto é, um direito que não apenas afirma o corpo, mas o institui no espaço político. Em sua dimensão expressiva, tal direito carrega uma reivindicação por condições econômicas, sociais, simbólicas e políticas mais justas e sustentáveis (BUTLER, 2018). Ainda que as demandas daqueles que rompem com a invisibilidade possam parecer, à primeira vista, tentativas frágeis ou desorganizadas de busca por reconhecimento, é justamente no protagonismo da visibilidade que se evidenciam os conflitos contemporâneos e os processos de constituição da subjetividade, marcados por dinâmicas de poder amplas e contraditórias.

A luta por visibilidade não se reduz à expressão de sofrimento ou desprezo social; ela também se configura como um imperativo difuso na contemporaneidade, o que não a torna automaticamente positiva. Ser “visível” pode representar, simultaneamente, uma armadilha socialmente imposta e uma via possível para romper o silêncio que atravessa determinadas existências (SANZ; PALATUCCI, 2024). Se, por um lado, a visibilidade é condição para o reconhecimento, por outro, pode converter-se em espetacularização.

No caso de sujeitos bissexuais, esse dilema se expressa no tensionamento entre conquistar validação pública e evitar estereótipos ou formas de hipervisibilidade que reiteram preconceitos. Conforme argumentam Sanz e Palatucci (2024), a disputa não deve se limitar à ocupação de espaços já instituídos do visível, mas precisa produzir outras semânticas capazes de tensionar narrativas hegemônicas. Tais narrativas não apenas restringem os modos de aparecer, como também delimitam as interpretações possíveis sobre sujeitos subalternizados. Desse modo, a luta por visibilidade constitui igualmente uma resistência à hegemonia cultural e discursiva, buscando redefinir as condições de reconhecimento e inscrição social. Nesse

horizonte, o ativismo bissexual no Instagram não deve visar apenas ser visto, mas reconfigurar os sentidos socialmente atribuídos à bissexualidade.

A partir desses apontamentos compreende-se a centralidade da luta por visibilidade e reconhecimento no ativismo bissexual. A bissexualidade é frequentemente invalidada e invisibilizada, tanto na sociedade em geral quanto no interior da própria comunidade LGBTI+. Yoshino (2000) aprofunda essa discussão ao caracterizar o apagamento sistemático da bissexualidade como o “contrato epistêmico” estabelecido entre heterossexuais e homossexuais, mencionado anteriormente. Segundo o autor, ambos mobilizam estratégias semelhantes de apagamento: negam a existência da bissexualidade, desconsideram experiências individuais e deslegitimam sua identidade. Ainda que esse contrato simbólico envolva também sujeitos homossexuais, a hegemonia permanece vinculada à heterossexualidade, cabendo às homossexualidades uma posição contra-hegemônica desta oposição.

Esse apagamento é interessante para ambos os lados da binariedade hetero e homo, pois a bissexualidade tensiona a lógica binária que organiza as oposições hétero/homossexual e homem/mulher, desestabilizando a própria estrutura que sustenta tais dicotomias. Como observa Monaco (2021, p. 99): “Por não se encaixar em nenhum dos lados da oposição hétero/homossexual, a bissexualidade começa a ser pensada através de outra oposição que, curiosamente, coloca tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade no mesmo lado: o lado da sexualidade direcionada a um único objeto de desejo generificado.” Assim, a bissexualidade passa a ocupar um entre-lugar, frequentemente imaginado como ponto de intersecção ou sobreposição entre as duas categorias, sem se reduzir a nenhuma delas.

É nesse horizonte que o conceito de entre-lugares, formulado por Bhabha (1998), torna-se produtivo. Para o autor, os entre-lugares constituem espaços de articulação das diferenças culturais, nos quais ocorrem deslocamentos, sobreposições e a produção de novos sentidos. Esses espaços possibilitam táticas de subjetivação e abrem brechas para colaboração e contestação. A partir dessa perspectiva, as bissexualidades podem ser compreendidas como um entre-lugar nas experiências das heterossexualidades e homossexualidades, operando deslocamentos que produzem novas formas de identidade e reconfiguram as fronteiras previamente estabelecidas.

Certeau (2012) também comenta a importância de sujeitos que transitam entre grupos aos quais pertencem, mas com os quais não se identificam plenamente, evidenciando como

podem transformá-los a partir de dentro. Essa dinâmica é interessante para pensar a bissexualidade no interior do ativismo LGBTI+. Embora integrem a comunidade, sujeitos bissexuais frequentemente se percebem em posição marginal no coletivo mais amplo e, por isso, mobilizam-se internamente para tensionar estruturas e reivindicar reconhecimento de suas pautas específicas.

Ainda que Certeau utilize outros exemplos sociais e culturais, sua formulação pode ser lida à luz das bissexualidades enquanto entre-lugares. Como afirma o autor (2012, p. 89):

Eles metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro. Permaneciam outros, no interior do sistema que assimilavam e que os assimilava exteriormente. Modificavam-no sem deixá-lo. Procedimentos de consumo conservavam a sua diferença no próprio espaço organizado pelo ocupante.

Trata-se, portanto, de operar deslocamentos sem abandonar completamente o espaço que se habita, criando brechas a partir do interior das próprias estruturas. Nesse sentido, outra contribuição de Certeau (2012) para pensar a dinâmica dos ativismos digitais bissexuais é a distinção entre táticas e estratégias. O autor define as táticas como práticas cotidianas, ações inventivas e flexíveis mobilizadas por sujeitos ou coletivos em contextos de assimetria de poder, funcionando como formas de negociação, resistência e adaptação voltadas a objetivos imediatos. Já as estratégias dizem respeito a planejamentos de longo prazo, vinculados a instituições ou instâncias de poder consolidadas, responsáveis por organizar o espaço social e estabelecer diretrizes mais amplas. Assim, pode-se presumir que o ativismo bissexual opera predominantemente no âmbito tático.

Essa perspectiva pode ser ampliada com o conceito de *outsider within* (estrangeiro de dentro), formulado por Collins (1986). A noção refere-se à posição de grupos inseridos em espaços onde sua presença é minoritária ou marginal (GUIMARÃES-SILVA; BERNARDES; FURTADO, 2018): pertencem, mas não integralmente; estão dentro, mas são percebidos como intrusos. Situação semelhante a de pessoas bissexuais em relação tanto ao universo heterossexual quanto ao homossexual. Como sintetizam Guimarães *et al.* (2018, p. 166):

Nosso lugar fronteiro de estrangeira de dentro é um espaço de encontros de diversas opressões, de falta de privilégios, de não pertencimento, de proximidade e de distância. Entretanto, é também um lugar de potência e de tensão criativa. As opressões incidentes funcionam como lente; a falta de privilégios opera como impulsionadora da criatividade; o não pertencimento favorece a liberdade do ver e do falar; o sentimento de exclusão é o lembrete para observar o outro. Collins nos lembra que qualquer grupo de *outsiders* menos poderoso pode viver essa tensão que marca o lugar de estrangeiras de dentro das mulheres negras e podem, também, se beneficiar da perspectiva peculiar de estrangeiro de dentro num determinado grupo de *insiders*. Assim, para além de pensar os grupos de *outsiders* como objetos, é possível e preciso pensá-los como interlocutores e interlocutoras.

Collins argumenta que grupos menos poderosos podem experimentar essa tensão produtiva e beneficiar-se da perspectiva singular de estrangeiro de dentro. Assim, mais do que objetos de análise, tais grupos devem ser compreendidos como interlocutores ativos.

Bhabha (1998) complementa que é possível compreender os entre-lugares como espaços produzidos na articulação das diferenças culturais, nos quais identidades não emergem como essências originárias, mas como efeitos de negociações, deslocamentos e sobreposições. Esses interstícios constituem terrenos férteis para a elaboração de táticas de subjetivação e para a produção de novos signos, capazes de reconfigurar as formas de pertencimento e os próprios contornos do social. Nesse sentido, a bissexualidade pode ser pensada como um entre-lugar que não resulta da simples soma entre heterossexualidade e homossexualidade, mas como uma posição que tensiona essa oposição binária ao convergir experiências e deslocar suas fronteiras. Ao situar-se nesse espaço intersticial, a bissexualidade negocia sentidos, disputa reconhecimento e elabora estratégias de representação no interior de comunidades cujas relações são marcadas tanto por histórias compartilhadas de discriminação quanto por antagonismos e hierarquias internas. Assim, ainda que frequentemente percebida como “estrangeira”, a bissexualidade opera desde dentro da comunidade LGBTI+, produzindo deslocamentos que podem transformar, por dentro, os próprios polos da oposição que a constituem como diferença.

A partir dessa reflexão, as bissexualidades podem mobilizar essa posição fronteira para elaborar táticas próprias, especialmente nas redes sociais digitais, onde interesses e pertencimentos se sobrepõem. Nesse ambiente, ativistas bissexuais podem dar visibilidade às suas demandas em seus próprios espaços e tensionar as fissuras existentes nos demais espaços LGBTI+, operando transformações a partir de dentro.

4. Análise das dinâmicas de visibilidade no Instagram

A partir da delimitação do recorte temporal para a análise do perfil de Nick Nagari, conforme explicitado na seção metodológica, realizou-se o mapeamento e a filtragem de todas as publicações feitas pelo ativista no período selecionado, considerando que parte dos posts abordava aspectos de sua vida pessoal e cotidiano. A filtragem foi realizada por meio da organização de uma planilha, na qual as publicações foram categorizadas por temáticas gerais.

Do total de 100 postagens realizadas ao longo dos seis meses analisados, 36 abordam diretamente a bissexualidade.

Após essa etapa, realizou-se um segundo nível de análise, com o detalhamento do conteúdo das 36 postagens selecionadas. Foram examinadas as temáticas mobilizadas pelo ativista, bem como os elementos de imagens, vídeos, as legendas e as apropriações das ferramentas disponibilizadas pela plataforma. Esse material foi triangulado com os relatos obtidos na entrevista realizada com Nick. Considerando os limites deste artigo, são apresentados alguns posts e trechos da entrevista que contribuem diretamente para responder à pergunta norteadora deste trabalho.

Uma das publicações analisadas é um vídeo no formato *reel*, em que Nick aparece enquadrado pela câmera e se dirige diretamente ao público, em linguagem informal e próxima. No vídeo, o ativista aborda a violência bifóbica¹⁴ enfrentada por pessoas bissexuais, argumentando que essa violência não depende da relação amorosa/sexual dos sujeitos no momento. Segundo ele, a bifobia não ocorre apenas quando a pessoa bissexual está em um relacionamento com alguém do mesmo gênero, mas atravessa sua existência de maneira estrutural, em uma sociedade marcada pela heteronormatividade e pelo apagamento dessa identidade. A postagem pode ser observada da figura 1 (FIG. 1).



FIGURA 1 – Postagem vídeo *reel* - Bifobia e invisibilização
 FONTE – <https://www.instagram.com/reel/CwIWwdQpcQb/> (2023).

¹⁴ Bifobia: preconceito contra pessoas bissexuais e contra a identidade bissexual em si.

No conteúdo do vídeo, Nick afirma que um dos momentos mais dolorosos de sua trajetória foi quando não conseguia nomear sua própria experiência: “eu sinto que o pior momento em relação a isso foi quando eu me senti um *alien*, quando eu não sabia que tinha um nome pro que eu tava vivendo e quando a sociedade conseguia me convencer de que eu tava sozinho” (NAGARI, 2023). A narrativa evidencia que a invisibilidade não se restringe à ausência de representação midiática, mas se manifesta como experiência concreta de deslocamento e solidão.

Essa dimensão aparece também na entrevista realizada com o ativista, quando ele relata o processo de descoberta de sua identidade bissexual:

Eu sinto que eu sempre senti atração por homens e eu sempre sentia atração por mulheres também, mas eu não conseguia enxergar, não conseguia dar nome para isso, porque eu não sabia que era uma possibilidade assim. [...] quando eu tinha 17 anos, eu comecei, sabe, eu tinha um conhecido, um amigo que era bissexual. E aí eu fiquei: ‘Uau! Isso existe!’ [...] porque realmente não tinha o personagem de série, não tinha ativistas famosos que eu conhecia, não tinha referências, e nesse grupo eu vi outras pessoas comuns que estudavam e trabalhavam e eram bissexuais e falavam sobre as suas trajetórias. E aí eu me descobri, me entendi, me aceitei (NAGARI, 2025).

O trecho explicita como a ausência de referências públicas produz um vazio simbólico que dificulta a elaboração de identidade. A possibilidade de nomear a própria experiência aparece, assim, como gesto político e afetivo. Ao compartilhar sua trajetória no Instagram, Nick transforma uma experiência individual de invisibilidade em narrativa coletiva, criando condições de reconhecimento para outras pessoas que ocupam esse mesmo entre-lugares.

Nesse movimento, o ativismo digital opera como espaço de negociação de visibilidade e pertencimento. A publicação não apenas denuncia a bifobia, mas produz identificação e amplia os repertórios disponíveis sobre a bissexualidade. A visibilidade construída, portanto, não se limita à exposição pública, mas atua como mecanismo de acolhimento e de inscrição simbólica em uma comunidade possível, tensionando os regimes que historicamente relegaram essa identidade à margem.

Outra publicação relevante para compreender as dinâmicas de pertencimento no ativismo digital é um *post* em formato de carrossel no qual Nick compartilha sua participação no I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro, realizado em Brasília, em 2023. A postagem reúne imagens do evento, registros do ambiente, das atividades e do próprio ativista, acompanhadas de uma legenda em que ele destaca a importância histórica do encontro e o impacto emocional de estar cercado por outras pessoas bissexuais (FIG. 2).



FIGURA 2 – Carrossel de imagens - Espaços Bissexuais

FONTE – https://www.instagram.com/p/CxhCCOarN4Q/?img_index=2 (2023).

Ao narrar a experiência de estar em um espaço composto majoritariamente por pessoas que compartilham da mesma identidade, Nick evidencia a potência política e afetiva do encontro presencial que foi proporcionado pela articulação *online*. Essa dimensão aparece de forma ainda mais explícita na entrevista, quando ele comenta o papel das redes sociais na construção de vínculos entre sujeitos que, muitas vezes, vivem isolados:

Mas os relatos que eu mais recebia eram de uma galera que morava no interior de uma cidade pequena que falava: ‘putz, eu não tenho onde achar essas pessoas porque a gente não pode se expor aqui.’ Então eu sinto que as redes sociais elas têm esse papel de conseguir juntar uma galera que às vezes não ia ter esse acolhimento em nenhum outro lugar (NAGARI, 2025).

O trecho evidencia como o Instagram opera como extensão desses espaços de encontro, possibilitando a formação de comunidades digitais que atravessam barreiras geográficas e contextos de vulnerabilidade. Para sujeitos que ocupam uma posição fronteiriça, nem plenamente reconhecidos pela norma heterossexual, nem integralmente acolhidos no interior da oposição homossexual, esses espaços funcionam como aquilo que Bhabha denomina entre-lugares: zonas de articulação nas quais novas formas de identidade e táticas de subjetivação podem emergir. No ambiente digital, essa condição fronteiriça deixa de significar apenas deslocamento e passa a operar como possibilidade de encontro e elaboração coletiva.

Nick também aponta que a necessidade de criar espaços próprios decorre da recorrente sensação de não pertencimento dentro da própria comunidade LGBTI+. Em suas palavras:

Eu acho que a gente está caminhando sozinho, porque é o jeito que dá. [...] Então, tipo, se eles ganham visibilidade, eles não levam a gente junto, sabe? [...] Então vamos fazer o nosso, sabe? Vamos fazer os nossos coletivos, vamos fazer as pessoas

virem, verem, se unirem e perceberem, porque realmente eu não sinto acolhimento nenhum (NAGARI, 2025).

Essa fala explicita que a negociação por pertencimento ocorre não apenas em relação à heteronormatividade, mas também no interior do próprio campo das dissidências sexuais, trazendo a sensação de estrangeiro de dentro para sujeitos bissexuais dentro da comunidade LGBTI+. Assim, o ativismo digital pode ser compreendido como tática de atuação a partir da fronteira, ao transformar o Instagram em espaço de articulação comunitária, o movimento bissexual produz visibilidade e reconhecimento desde esse entre, convertendo uma posição historicamente marcada pelo deslocamento em potência de organização e afirmação coletiva.

Nas publicações analisadas é possível entender que o ativismo bissexual no Instagram opera simultaneamente como tática de visibilização e como prática de produção de pertencimento. Ao transformar experiências individuais de invisibilidade e deslocamento em narrativas compartilháveis, Nick articula reconhecimento simbólico e conexão comunitária, tensionando tanto a heteronormatividade quanto as dinâmicas internas da própria comunidade LGBTI+. Situada em um entre-lugar, a bissexualidade aparece não apenas como identidade marginalizada, mas como posição tática a partir da qual se produzem novas formas de articulação coletiva. Nesse sentido, o Instagram configura-se como arena de negociação, onde a visibilidade deixa de ser mera exposição e passa a operar como ferramenta de construção identitária e de organização política, permitindo que sujeitos historicamente apagados elaborem, a partir da fronteira, espaços próprios de reconhecimento.

Porém, cabe aqui observar que o afastamento de Nick da produção contínua de conteúdo evidencia um limite estrutural do ativismo digital: nem toda visibilidade se converte automaticamente em um reconhecimento que seja sustentável. Embora sua atuação tenha produzido efeitos concretos de acolhimento e fortalecimento de identidade, a permanência nesse espaço mostrou-se atravessada por exigências econômicas, algorítmicas e performáticas que tensionam a própria possibilidade de continuidade. Como observado por Sanz e Palatucci (2024), o reconhecimento não se reduz à mera visibilidade, mas depende de condições materiais e institucionais que garantam participação paritária na vida social. No ambiente das plataformas, entretanto, a visibilidade está submetida a lógicas estratégicas orientadas pelo capital e pelo engajamento rápido, o que faz com que pautas dissidentes sejam incorporadas enquanto produzem valor simbólico e descartadas quando deixam de ser relevantes. Nesse cenário, o ativismo opera taticamente, ocupando brechas em estruturas que não foram

desenhadas para sustentar sua natureza. A interrupção da atuação de Nick, portanto, não significa fracasso, mas revela a assimetria entre a potência política da visibilidade bissexual e as forças hegemônicas que regulam sua circulação, expondo o quanto o ativismo digital pode ser simultaneamente espaço de reconhecimento e de desgaste.

5. Conclusão

Assim sendo, este artigo buscou responder à seguinte questão: como a bissexualidade, situada em entre-lugares, negocia reconhecimento e visibilidade nas dinâmicas do ativismo digital no Instagram? A partir da análise das publicações de Nick Nagari e da entrevista realizada com o ativista, foi possível compreender que essa negociação se dá por meio de táticas de produção narrativa, articulação comunitária e disputa de sentidos no interior de uma plataforma estruturada por lógicas hegemônicas.

Situada em um entre-lugar, nos termos de Bhabha (1998), a bissexualidade não se limita a ocupar uma posição intermediária entre heterossexualidade e homossexualidade, mas opera como espaço intersticial de deslocamento e reinscrição simbólica. A partir dessa posição fronteiriça, ativistas bissexuais transformam a experiência de invisibilidade em enunciação pública, produzindo novas formas de aparecer e de nomear a própria existência. Ao compartilhar vivências pessoais e tensionar o apagamento histórico da identidade bissexual, Nick converte o entre-lugar em espaço de articulação coletiva, onde o reconhecimento é buscado não apenas diante da heteronormatividade, mas também no interior da própria comunidade LGBTI+.

Nesse processo, a condição de *outsider within*, conforme formulada por Collins (1986), revela-se produtiva: a bissexualidade participa da comunidade, mas também a tensiona desde dentro, denunciando hierarquias internas e reivindicando pertencimento. O Instagram emerge, assim, como arena ambivalente: ao mesmo tempo em que possibilita a formação de redes de apoio e a circulação de narrativas contra-hegemônicas, submete essas mesmas narrativas às lógicas algorítmicas, mercadológicas e performativas que estruturam a plataforma.

A análise evidenciou que a visibilidade, para sujeitos bissexuais, constitui condição necessária, mas não suficiente, para o reconhecimento. Ela precisa ser continuamente convertida em legitimidade simbólica e sustentação material, sob o risco de transformar-se em exposição exaustiva ou capital passageiro. O percurso de Nick demonstra que o ativismo digital

pode produzir pertencimento e acolhimento, mas também revela seus limites estruturais: a disputa por reconhecimento ocorre em um terreno assimétrico, onde as estratégias das plataformas frequentemente constroem as táticas dos ativistas.

Dessa forma, conclui-se que a bissexualidade negocia reconhecimento e visibilidade no Instagram por meio da ocupação tática dos entre-lugares digitais, convertendo experiências de apagamento em narrativas coletivas e construindo espaços de pertencimento a partir da fronteira. Essa negociação, contudo, permanece instável e tensionada, evidenciando que o ativismo digital é simultaneamente espaço de potência política e campo de disputa contínua. É precisamente nessa tensão, entre visibilidade e invisibilização, pertencimento e marginalidade, reconhecimento e desgaste, que se inscreve a complexidade do ativismo digital bissexual brasileiro contemporâneo.

Referências

- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BLANK, Hanne. **Straight: the surprisingly short history of heterosexuality**. Boston: Beacon Press Books, 2012.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e políticas das ruas: notas de uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero**. Tradução de Fernanda Siqueira Mendes e Marina Meneghetti. São Paulo: Boitempo, 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99–127, jan. 2016.
- DINAMIZE. **Como fazer uma bio para Instagram profissional?** Dinamize, 2021. Disponível em: <https://www.dinamize.com.br/blog/bio-instagram/>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- EADIE, Jo. **Extracts from Activating Bisexuality: Towards a Bi/Sexual Politics (1993)**. In: STORR, Merl (org.). **Bisexuality: A Critical Reader**. Taylor & Francis eLibrary, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere: Volume 1**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- GROHMANN, Rafael. **Financeirização, midiaticização e dataficação como sínteses sociais**. Mediaciones de la Comunicación, 2019.

GUIMARÃES CORREA, L.; GUIMARÃES SILVA, P.; BERNARDES, M.; FURTADO, L. **Entre o interacional e o interseccional: contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação.** Revista Eco-Pós, v. 21, n. 3, p. 147–169, 2018.

HARAWAY, Donna. **Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective.** Social Text, v. 16, n. 2, p. 23–32, 1988.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** Tradução de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

JANSSON, André. **Mediatization and mobile lives: a critical approach.** London: Routledge, 2017.

JOHNSON, Thomas. **Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologia e técnicas qualitativas.** Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

KIRSCH, Max. **Queer Theory and Social Change.** London: Routledge, 2000.

KLIDZIO, Danieli. **Existências em rosa, roxo e azul: ativismos e visibilidades bissexuais brasileiras a partir das mídias digitais.** 2023. 153 f. Dissertação – UFSM, Santa Maria, 2023.

KLIDZIO, Danieli; SIQUEIRA, Monalisa Dias. **Ativismo digital bissexual a partir do Instagram: perspectivas e perambulações.** In: CINABEH, v. 1. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LEWIS, Shiri Eisner. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.** 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2., 2004, Bauru. Anais... Bauru: USC, 2004.

MONACO, H. M. **Entre muros, pontes e fronteiras: teorias e epistemologias bissexuais.** Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 8, n. 16, p. 91–106, 2021.

MONACO, H. M.; KLIDZIO, D. **O digital é político: ativismo bissexual e apropriações das mídias digitais.** Revista Eletrônica Interações Sociais, v. 5, n. 1, 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Nuno. **Donna Haraway e a proposta de conhecimentos situados.** Les Online, v. 7, n. 1, 2015.
SALDANHA, I.; MONACO, H.; CRUZ, B. **Bissexualidade, ativismo e produção de saberes: notas introdutórias sobre os estudos e movimentos bissexuais.** Revista Anômalas, v. 2, n. 2, p. 139–159, 2022.

SANZ, Claudia Linhares; PALATUCCI, Giovanna. **Singular e como todo mundo: visibilidade e as pessoas com deficiência.** Tempo Social, v. 36, n. 1, p. 261–279, 2024.

SEGATO, Rita Laura. **Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais.** Mana, v. 12, p. 207–236, 2006.

SELISTER-GOMES, M.; QUATRIN-CASARIN, E.; DUARTE, G. **Conhecimentos situados: uma reflexão a partir de Donna Haraway.** Revista CS, n. 29, p. 79–105, 2019.

SHAW, Julia. **Invisibilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade.** São Paulo: Cultrix, 2022.

TABORDA, Clarissa. **Construindo visi(bi)lidades: ativismos e identidades bissexuais no Instagram**. UFRGS, 2025. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/294932>. Acesso em: 20 fev. 2026.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

YOSHINO, Kenji. **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Yale Law Journal, v. 1, n. 1, p. 353–461, 2000.